
Celina Silva*
WP/CEAUP/#2021/5

Do Rio ao Mar, falas escritas com traços rupestres, de Manuel Rui



CENTRO DE ESTUDOS AFRICANOS
UNIVERSIDADE DO PORTO

* FLUP

A mais recente obra de Manuel Rui, publicada em Novembro de 2021 pela editora, Guerra e Paz, Lisboa perfaz uma escrita de plenitude, patenteada de modo cabal na sequência última do respetivo epílogo: “Não saio mais deste lugar”. Lugar pulsante e consciente, acesso- interiorização de uma identidade poética na inteireza de um percurso vivencial onde, à semelhança de outras obras do mesmo autor, a cosmovisão ancestral africana de teor cosmogónico emerge redimensionada, através de um encaminhamento existencial, feito conhecimento. Instaurador de uma sabedoria verdadeira, plasmando, em simultâneo, uma apreensão compreensiva e a respetiva manifestação expressiva-representativa do real enquanto totalidade, na qual matéria, espírito, humanidade, divindade, espacialidade(s), temporalidade(s), em lapidar contensão, se presentificam. **Do Rio ao Mar** corporiza, em registo poético-gnómico, fragmentário e conciso, uma evocação primordial, cosmogónica, onde a voz narradora produz um relato-evocação no qual figuram, em dialogante interação, vozes, personagens e situações arquetípicas. Viagem geográfica e existencial, percurso- vivência, conducente ao lugar sagrado e sacral, instância de sabedoria-conhecimento, que, num fluir textual feito de reapropriação dialética do “épos” primievo e do discurso do griot, materializa o encaminhamento iniciático que culmina no acesso à Palavra instauradora, fundacional, criativa e performativa. Em singular”fala-escrita” emerge o Poeta, consciência cósmica perfilada via Linguagem: “Sou feliz. Por causa da felicidade da minha curva e do nosso filho. E já conheço a palavra do vento. A palavra da água. A palavra da chuva. A palavra do relâmpago com trovoadas. A palavra do mar. Amanhã falo com o meu irmão da ilha. Só ontem descobri que com a palavra dos búzios posso voltar atrás e ver o passado. Não saio mais desse lugar” (pg.69).

”Etunda”-“lança”, homem, corpo e interrogação, sentidos e inquietação procura cumprir o seu destino cuja finalidade ignora; deslocando-se do rio ao mar, percorre terras diferentes e desconhecidas, conhece diferentes comunidades (caçadores e pescadores), testemunha situações de guerra, fruto da fome provocada por uma praga de gafanhotos. No início da viagem relaciona-se com ”Gia”-”curva”, futura mãe do filho de ambos,”LupuKa”, criança que representa o futuro e a esperança. Aquela comunica-lhe a sabedoria da natureza e fornece-lhe búzios, instrumento da adivinhação à qual “Etunda”





acederá posteriormente bem como ao modo de comunicar o que através deles ouve, revelado pela matriarca, chefe de outra comunidade que lhe revela o seu destino: “a matriarca era um espírito superior e adivinhou que eu nasci para trabalhar com as palavras faladas como devem ser e cantadas para as pessoas respirarem melhor”, fazendo de Gia sua “herdeira”. Tal encaminhamento de busca e conquista das várias dimensões da palavra tornam “Etunda” um mago capaz de predizer o futuro, mas essencialmente em Poeta, ser presciente da natureza-mistério da Linguagem.

A par desta componente textual em prosa poética, consignando aforismos na qual se redimensionam de modo sintético elementos construtivos de outras obras de Manuel Rui, nomeadamente **RIOSECO**, constam poemas convocando-presentificando, em verso livre, o “irmão dos Açores”, entidade imprescindível ao dialogismo nuclear na construção da textualidade em questão e, pela sua voz, o convocar da ilha e da maneira distinta como as questões existenciais nela se posicionam face à naturalidade com que tudo decorre na vivência do sujeito narrador, de que as experiências religiosa e amorosa testemunham paradigmaticamente : “ *Falo-te de terras que não tinham gente/...vieram para aqui os meus antepassados/Trouxeram sementes e árvores para plantar/É uma terra muito verde/toda rodeada pelo mar/Saberás um dia/Meu amigo*” (...)”*Irmão mais que amigo/vivo de um pedaço de terra cultivada/e com os meus parente em mutirão ergui parte da casa para morar/descobrir uma amada/para casar*”.

Originárias de paradigmas culturais diversos, nomeadamente Africa e Europa, essas vozes articulam-se, em (re)união simbiótica na experiência iniciática da sacralidade do real propiciadora da autêntica relação dialógica com o Outro, individualizado em “Ivo Machado/meu irmão dos Açores”, a quem a obra é dedicada, e por extensão, com o povo português que cruéis e violentas circunstâncias históricas separam do povo angolano num passado mais ou menos recente, situação essa que se pretende alterar: “*conta-me desse povo/que tudo agora é diferente /com a grande força da palavra*”.

A afirmação apontada no início do presente texto, figura igualmente na contracapa do livro em disposição vertical e em caracteres maiúsculos, “**NÃO/SAIO/MAIS/DESTE/LUGAR**, a par da fotografia de uma escultura africana de Rui de Matos onde constam dois perfis de um mesmo rosto ou num mesmo rosto,





reforçando a reivindicação de uma identidade-voz, íntegra na sua natureza complexa, múltipla, resultante da micisgenação cultural africana e europeia, criativamente gerada através da entrega espontânea ao fluir da vida experienciada enquanto abertura ao outro e ao mundo.

O título do livro como que se desdobra, mediante uma espécie de oscilação circular, "ondulante", espécie de fluxo e refluxo em movimentação expansiva, surgindo na capa como **"falas escritas/ DO/ RIO/ AO/ MAR"**, antepondo-se assim o sintagma que sugere um subtítulo ao título propriamente dito; situação inversa ocorre na página de rosto na qual figura a sequência **"DO/ RIO/AO/ MAR /falas escritas/ com traços/ rupestres"**. Traços estes, da autoria de Ondjaki, elementos construtivos da componente gráfica da obra, configurado, deste modo, uma composição textual híbrida, dupla, na qual palavra e traço, através de singelo rigor, recriam um posicionamento face ao real de teor mito-poético e com ele a acutilância expressiva primordial das formas (ditas) primitivas.

Na capa e contracapa constam as mesmas cores patentes no interior do livro, azul anilado na face interna das mesmas, branco e negro ora como base de página ora como mancha gráfica escrita e desenhada; curiosamente nos 21 fragmentos constitutivos do texto literário, uns poemas, outros prosa poética, cuja base da paginação é a cor preta (n^{os} 1, 5, 8, 9, 11, 17,21) tem as páginas numeradas de modo visível, enquanto naqueles cuja base reside numa tonalidade de branco não puro, a numeração é invisível embora exista funcionalmente. Por outro lado, e ainda relativamente à componente paratextual, o livro apresenta a dedicatória supracitada inscrita em fundo preto.

No texto propriamente dito, os poemas que corporizam a voz do referido "irmão dos Açores" estão grafados em itálico; os do sujeito poético instaurador da globalidade do texto, e em simultâneo, da voz acima referida, "predominante" na medida em que convoca as outras, surgem em cursivo. Tal combinatória, marcante de originalidade, confere ao livro uma harmonia gráfica composicional relevante, em consonância com a manifesta alta qualidade da obra na sua completude, revelando, de novo, a mestria da escrita angolana, lusófona, cosmopolita, a todos os títulos superior, de Manuel Rui.

